

CURZIO MALAPARTE



cavallo de ferro

HISTÓRIA DE UM MANUSCRITO

KAPUTT (*von hebraischen Koppäroth, Opfer, oder französisch Capot, matsch*)
zugrunde gerichtet, entzwei.

MEYER – *Conversationlexicon*, 1860

O manuscrito de Kaputt tem uma história: parece-me que nenhum prefácio lhe convirá melhor que a história secreta do seu manuscrito.

Comecei a escrever Kaputt durante o Verão de 1941, no princípio da guerra feita pela Alemanha à Rússia, na aldeia de Pestcianka, na Ucrânia, em casa do camponês Roman Suchèna. Instalava-me todas as manhãs no seu jardim, debaixo de uma acácia, para trabalhar, enquanto o camponês, sentado no chão, perto da pocilga, afiava as foices ou cortava as beterrabas e os rabanetes para os porcos.

Com o seu telhado de colmo, as suas paredes de barro e de palha cortada amassada com bosta de boi, a casa era pequena e asseada. Não possuía outra riqueza senão a de uma telefonia, um gramofone e uma pequena biblioteca com as obras completas de Pushkin e de Gogol. Pertencera a um antigo mujique que os três planos quinquenais e o kholkoz tinham libertado da miséria, da ignorância e da sujidade. O filho de Roman Suchèna, comunista, era mecânico num kholkoz de Pestcianka, o Kholkoz Vorochilov. Tinha seguido o exército soviético com o seu tractor. No mesmo kholkoz trabalhava sua mulher, uma jovem taciturna e inteligente, que, à tarde, depois de terminados os trabalhos de arroteamento da sua pequena horta e jardim, se sentava debaixo de uma árvore a ler o Eugen Onéguin, de Pushkin, na edição publicada em Kharkov pelo Estado, no centenário da morte do grande poeta. (Ela lembrava-me as duas

filhas mais velhas de Benedetto Croce, Helena e Alda, que, no jardim da casa de campo, em Meana, no Piemonte, liam Heródoto no original grego, sentadas sob uma macieira carregada de frutos.)

Continuei Kaputt durante a minha estada na Polónia e na frente de Smolensk, em Janeiro e Fevereiro de 1942. Terminei o livro – salvo o último capítulo – no decurso dos dois anos que passei na Finlândia. Antes de regressar a Itália dividi o manuscrito em três partes confiando-as ao ministro da Espanha em Helsínquia, o conde Agustín de Foxá, que deixou aquele posto para reentrar em Madrid, no Ministério dos Negócios Estrangeiros; ao secretário da Legação da Roménia em Helsínquia, o príncipe Dinu Cantemir, que partiu para ocupar o seu novo posto, a Legação da Roménia em Lisboa, e ao adido de imprensa da Legação da Roménia na capital da Finlândia, Titu Michailesco, que regressou a Bucareste.

No mês de Julho de 1943, encontrava-me na Finlândia. Logo que tive conhecimento da queda de Mussolini, regressei à Itália por via aérea. Foi em Capri que, no mês de Setembro de 1943, acabei o último capítulo de Kaputt.

Kaputt é um livro cruel. A sua crueldade é a mais extraordinária experiência que tirei do espectáculo da Europa no decorrer destes anos de guerra. Entre os protagonistas deste livro, a guerra nem por isso tem menos o papel de uma personagem secundária. Se os pretextos inevitáveis não pertencessem à ordem da fatalidade, poderia dizer-se que ela não teve outro valor que não fosse o de um pretexto. Em Kaputt o conflito conta, pois, como fatalidade. Ele não aparece de outra maneira. Posso afirmar que ele não surge como protagonista, mas como espectador, no sentido em que uma paisagem é um espectador. A guerra é a paisagem objectiva deste livro.

O herói principal é Kaputt, monstro alegre e cruel. Nenhuma palavra melhor do que esta dura e quase misteriosa expressão alemã: «Kaputt, que significa literalmente: estilhaçado, acabado, reduzido a pedaços, perdido», estaria indicada para definir o que nós somos, o que é, presentemente, a Europa: um amontoado de detritos.

Mas que fique bem entendido que eu prefiro esta Europa kaputt à Europa de ontem e àquela de há vinte ou trinta anos. Prefiro que seja necessário refazer tudo a ser obrigado a aceitar tudo como uma herança imutável.

Tenhamos esperança, entretanto, de que os novos tempos sejam realmente novos – e que não regateiem aos escritores o respeito e a liberdade: porque a literatura italiana tem tanta necessidade de respeito como de liberdade. Se eu digo «tenhamos esperança» não é porque eu não creia na liberdade e nos seus benefícios (que me permitam lembrar que eu sou daqueles que pagaram com a prisão e com a deportação na ilha Lipari a sua liberdade de espírito e a sua contribuição para a causa da liberdade). Mas eu sei – e isso é público e notório – como é difícil, em Itália, e numa boa parte da Europa, a condição humana e como é perigosa a condição de escritor.

Que os tempos novos sejam portanto de liberdade e de respeito por todos: mesmo pelos escritores. Porque somente a liberdade e o respeito pela cultura poderão salvar a Itália e a Europa destes dias cruéis de que fala Montesquieu no Espírito das Leis (livro XXIII, capítulo XXIII): «Ainsi, dans le temps des fables, après les inondations et les déluges, il sortit de la terre des hommes armés, qui s’exterminèrent.»

PRIMEIRA PARTE

OS CAVALOS

LE CÔTÉ DE GUERMANTES

O príncipe Eugénio da Suécia deteve-se no meio da sala.

– Escute – disse ele.

Através dos carvalhos do Oakhill e dos pinheiros do parque de Waldemarsudden, para lá do braço de mar que penetra na terra até ao Nybroplan, no coração de Estocolmo, o vento trazia um terno e triste queixume. Não era o melancólico apelo das sereias dos barcos que vinham do mar para o porto, nem o grito brumoso das gaivotas; era uma voz feminina, distraída e dolente.

– São os cavalos do Tivoli, o luna-parque que está diante do Skansen – disse o príncipe Eugénio em voz baixa.

Aproximámo-nos das grandes janelas que davam para o parque e apoiámos os rostos contra os vidros ligeiramente embaciados pelo nevoeiro azul que subia do mar. Ao longo do caminho que segue o declive da colina, três cavalos brancos desciam a passo incerto, seguidos por uma rapariga vestida de amarelo: passaram por uma porta gradeada e desceram até uma pequena praia repleta de *cutters*, de canoas e de barcos de pesca vermelhos e verdes.

Era um claro dia de Setembro, de uma delicadeza quase primaveril. O Outono avermelhava já as velhas árvores do Oakhill. No braço de mar sobre o qual avança o promontório em que está construída a vila de Waldemarsudden, residência do príncipe Eugénio, irmão do rei Gustavo V da Suécia, passavam grandes barcos cinzentos levando, pintados no costado, grandes pavilhões suecos de cruz amarela sobre fundo azul. Nos seus voos, as gaivotas gritavam queixumes roucos como soluços de criança. Lá em baixo, ao longo dos cais do Nybroplan e do Strandwägen, viam-se balançar

os vapores brancos – com doces nomes de aldeias e de ilhas – que andam numa roda-viva entre Estocolmo e o arquipélago. Atrás do arsenal, uma nuvem de fumarada azul silvava, cortada de tempos a tempos pelo relâmpago branco de um esvoaçar de gaivotas. O vento trazia o som das pequenas orquestras do Bellmannsro e do Hasselbacken, os gritos de um grupo de marinheiros, de soldados, de raparigas e de crianças em redor dos acrobatas, dos malabaristas e dos músicos ambulantes que estacionavam todo o dia diante da entrada do Skansen.

O príncipe Eugénio seguia os cavalos com um olhar atento e afectuoso, os olhos semicerrados sob as pálpebras claras, estriadas de finas artérias azuis. Visto de perfil, em contraluz, na claridade lânguida do poente, o seu semblante rosado, com aqueles lábios um pouco tímidos, gulosos, aos quais o bigode branco dava uma amabilidade quase pueril, aquele nariz aquilino, a fronte alta coroadada de cabelos muito brancos, frisados, despenteados como os de uma criança quando acorda, ofereciam ao meu olhar o desenho de medalha do rosto dos Bernadotte. De toda a família real da Suécia, aquele que mais se parece com o marechal de Napoleão, fundador da dinastia, é o príncipe Eugénio; e este perfil nítido, cortante, quase duro, contrasta singularmente com a doçura do seu olhar, a delicada elegância da sua maneira de falar, de sorrir, de mover as suas belas mãos brancas de dedos pálidos e finos – as mãos dos Bernadotte. Eu tinha ido ver, alguns dias antes, num estabelecimento de Estocolmo, os bordados que o rei Gustavo V, no decurso das longas noites de Inverno, no palácio real desenhado por Tessin, e nas brancas noites de Verão, no seu castelo de Drottningholm, rodeado dos seus familiares e dos dignitários da corte mais íntimos, fazia com uma graça, uma delicadeza de desenho e de execução que lembravam a antiga arte veneziana, flamenga e francesa. O príncipe Eugénio não borda: é pintor. A sua forma de vestir revela essas maneiras livres, negligentes do Montmartre de há cinquenta anos, do tempo em que o príncipe Eugénio e Montmartre eram jovens. Está vestido com uma espessa jaqueta de *tweed* cor de tabaco, num corte fora de moda, abotoando alto. Sobre a camisa azul-pálida,

com fios brancos um pouco fanados, uma gravata de *tricot*, torcida como uma trança de cabelos, punha a sombra de um azul mais escuro.

– Todos os dias, a esta hora, eles descem até ao mar – disse o príncipe Eugénio em voz baixa. Na claridade rósea e azul-clara do poente, estes três cavalos brancos seguidos por uma rapariga de vestido amarelo eram tristes e muito belos. Mergulhados na água até aos jarretes, moviam a cabeça espalhando a crina sobre o arco alongado do pescoço e relinchavam.

O Sol escondia-se. Havia já muitos meses que eu não via o pôr-do-sol. Depois do longo Verão do Norte, depois desse dia ininterrupto, infindável, sem auroras, sem poentes, o céu começava enfim a enlanguescer por sobre os bosques, o mar, os telhados da cidade. Qualquer coisa como uma sombra (e talvez simplesmente o reflexo de uma sombra, a sombra de uma sombra) se condensava a oriente. A noite nascia pouco a pouco, meiga e delicada, e o céu, a ocidente, incendiava-se sobre as florestas e os lagos, encarquilhando-se ao fogo do poente como uma folha de carvalho ao cansado fogo do Outono.

No meio das árvores do parque, sobre o fundo desta pálida e subtil paisagem nórdica, as cópias do *Pensador*, de Rodin, e da *Vitória de Samotrácia*, esculpidas num mármore muito branco, evocavam de uma maneira inesperada e peremptória o gosto parisiense de um fim de século decadente e parnasiano que tomava, em Waldemarsudden, uma atitude arbitrária e capciosa. Na vasta sala onde nos encontrávamos, com a frente apoiada aos vidros das grandes janelas – a sala onde o príncipe Eugénio estuda e trabalha –, um eco sobrevivia também, enfraquecido, fora de moda, do esteticismo parisiense do ano de 1888, aproximadamente, época em que o príncipe Eugénio tinha um ateliê em Paris (morava na Rua Monceau, com o nome de Sr. Oscarson) e em que era aluno de Puvis de Chavannes e de Bonnat. Algumas telas da juventude encontravam-se suspensas nas paredes: paisagens da Île-de-France, do Sena, do vale de Chevreuse, da Normandia, retratos de modelos com os cabelos esparsos pelos ombros nus, à mistura com quadros de Zorn e de Josephson. Ramos de carvalho de folhas vermelhas raiadas de ouro saíam de ânforas de porcelana de Marieberg

e de vasos de Rörstrand, pintados por Isaac Grünewald no estilo de Matisse. Uma grande chaminé de cerâmica branca, de frontão ornado com um relevo com duas flechas cruzadas, encimadas por uma coroa nobiliárquica fechada, ocupava um dos cantos da sala. Num vaso de cristal de Orrefors florescia uma magnífica mimosa trazida pelo príncipe Eugénio de um jardim do Sul da França. Cerrei os olhos por um momento: era realmente o perfume da Provença, de Avignon, de Nîmes, de Arles que eu respirava: o perfume do Mediterrâneo, da Itália, de Capri.

– Eu também gostaria de viver em Capri, como Axel Munthe – disse o príncipe Eugénio. – Parece que ele vive rodeado de flores e de pássaros. Pergunto-me às vezes – acrescentou sorrindo – se ele ama verdadeiramente as flores e os pássaros.

– As flores amam-no muito – respondo eu.

– E os pássaros também o amam?

– Tomam-no por uma velha árvore – volto eu a responder –, por uma árvore ressequida.

O príncipe Eugénio sorria com os olhos semicerrados. Como todos os anos sucedia, Axel Munthe passara o Verão no Castelo de Drottningholm, onde era hóspede do rei, e partira para a Itália havia poucos dias. Eu lamentava não o ter encontrado em Estocolmo.

Em Capri, cinco ou seis meses antes, nas vésperas da minha partida para a Finlândia, subi à Torre de Materita para saudar Axel Munthe, que devia dar-me algumas cartas para Sven Hedin, Ernst Manker e outros amigos de Estocolmo. Axel Munthe esperava-me sob os seus pinheiros e os seus ciprestes de Materita: de pé, direito, lenhoso, rebarbativo, o dorso coberto pelo seu velho casacão verde, um mau chapéu posto de lado sobre os cabelos despenteados, os olhos vivos, maliciosos, escondidos pelos óculos pretos que lhe davam um pouco desse ar misterioso e ameaçador que têm os cegos. Munthe segurava pela trela um cão-lobo e, ainda que o cão parecesse manso, logo que me apercebeu no meio das árvores, pôs-se a gritar que me não aproximasse.

– Vá-se embora! – gritava ele com grandes gestos de mão e exortando o cão a não se atirar a mim, a não me despedaçar, como

se fizesse um grande esforço para o reter, como se já não pudesse mais resistir aos furiosos sacões que dava à trela esta besta-fera. Esta olhava-me, pacífica e alegre, dando ao rabo, enquanto eu avançava lentamente, simulando medo, muito satisfeito por me prestar a esta inocente comédia.

Axel Munthe, quando está de bom humor, diverte-se a improvisar pequenas cenas picarescas para troçar dos amigos. Talvez fosse esse o seu primeiro dia sereno depois de muitos meses de raivosa solidão. Fora um triste Outono o que ele acabara de passar, preso dos seus negros caprichos, das suas furiosas melancolias, encerrado durante dias e dias na sua torre descarnada, roída como um velho urso pelos dentes agudos do vento do sudoeste, que sopra de Ischia, e pela tramontana, que leva até Capri o acre odor de enxofre do Vesúvio — fechado à chave na sua prisão húmida de salitre, no meio dos seus falsos quadros antigos, falsos mármore helénicos e madonas do século xv esculpidas na madeira de qualquer móvel Luís XV.

Nesse dia Munthe parecia sereno. Em certo momento, pôs-se a falar-me nos pássaros de Capri. Todas as tardes, ao pôr-do-sol, saía da sua torre, avançava cauta e lentamente pelo meio das árvores do parque, com o seu velho casacão verde pelas costas, o esquisito chapéu posto de lado sobre os cabelos despenteados, os olhos escondidos pelos seus óculos pretos, até que chegava ao lugar onde as árvores, espaçadas, deixavam na erva como que um espelho do céu. Ele detinha-se, aí, direito, magro, lenhoso, semelhante a um velho tronco descarnado, ressequido pelo sol, o gelo e as tempestades, com um riso feliz anichado na sua barbicha de velho fauno — e esperava. Os pássaros voavam para ele aos bandos, com afectuoso pipilar: empoleiravam-se-lhe nos ombros, nos braços, no chapéu, bicavam-lhe o nariz, os lábios e as orelhas. Munthe ficava assim, direito, imóvel, entretido com os seus pequenos amigos, no doce dialecto de Capri, até que o Sol desaparecesse, mergulhando no mar azul e verde, e que os pássaros voassem para os ninhos, todos de uma vez, com um belo trinado para dizer adeus.

— Ah! Esse maroto do Munthe! — disse o príncipe. E a sua voz afectuosa tremia um pouco.

Passeámos um momento no parque, sob os pinheiros batidos pelo vento, depois Axel Munthe conduziu-me ao mais alto quarto da sua torre. Devia ter sido antigamente uma espécie de sótão, mas Axel Munthe fizera dele um quarto de dormir para os seus dias de negra solidão, quando se encerrava lá em cima como na cela de uma cadeia, tapando os ouvidos com algodão para não ouvir nenhuma voz humana. Sentou-se sobre um escabelo, uma grossa bengala entre os joelhos e a trela do cão enfiada no pulso. O cão, deitado a seus pés, olhava-me fixamente, sereno e triste. Axel Munthe levantou a cabeça: uma brusca sombra descera-lhe sobre a fronte. Disse-me que não conseguia dormir, que passava as noites numa vigília angustiante a escutar o grito do vento nas árvores e a voz longínqua do mar.

– Espero que não tenha vindo para me falar da guerra – disse-me ele.

– Não lhe falarei da guerra – respondi.

– Obrigado – continuou Munthe. Depois, repentinamente, perguntou-me se era verdade que os Alemães fossem tão terrivelmente cruéis.

– A crueldade deles é feita de medo – respondi. – Estão doentes de medo. É um povo doente, um *krankes Volk*.

– Sim, um *krankes Volk* – disse Munthe, batendo no pavimento com a ponta da bengala. E, depois de um longo silêncio, perguntou-me se era verdade que os Alemães estivessem tão sequiosos de sangue e de destruição.

– Eles têm medo – respondi. – Têm medo de tudo e de todos. Matam e destroem por medo. Não é que receiem a morte; nenhum alemão, homem, mulher, velho, criança, teme a morte. Também não têm medo do sofrimento. Num certo sentido, podemos dizer que eles amam a dor. Mas têm medo de tudo aquilo que vive, de tudo aquilo que vive para além deles – e também de tudo aquilo que é diferente deles. O mal de que sofrem é misterioso. Têm medo sobretudo dos seres fracos, dos homens desarmados, dos doentes, das mulheres, das crianças. Têm medo dos velhos. O medo deles acordou sempre em mim uma profunda piedade. Se a Europa

tivesse piedade deles, talvez os Alemães se curassem do seu horrível mal.

– Então são ferozes? Então é verdade que eles massacram as pessoas sem nenhuma piedade? – interrompeu-me Axel Munthe, batendo impacientemente no pavimento com a ponta da bengala.

– Sim, é verdade – respondi –, matam pessoas desarmadas, enforcam os Judeus nas árvores das praças das vilas e aldeias, queimam-nos vivos nas suas casas como ratos, fuzilam os camponeses e os operários nos pátios dos *kolkhozes* e das fábricas. Vi-os rir, comer e dormir à sombra de cadáveres que se balançavam nos ramos das árvores.

– É um *krankes Volk* – disse Munthe, tirando os seus óculos pretos para limpar cuidadosamente as lentes com o lenço. Baixara as pálpebras: eu não podia ver-lhe os olhos. Depois perguntou-me se era verdade que os Alemães matavam pássaros.

– Não, não é verdade – respondi –, não têm tempo para se ocupar de pássaros: têm apenas o tempo marcado para se ocuparem dos homens. Massacram os Judeus, os operários, os camponeses, incendiam as cidades e as aldeias com um furor selvagem, mas não matam os pássaros. Ah, como são lindos os pássaros na Rússia! Talvez mais bonitos que os de Capri.

– Mais bonitos que os de Capri? – perguntou Axel Munthe com uma voz irritada.

– Mais bonitos e mais felizes – retorqui. – Há inumeráveis famílias de pássaros magníficos na Ucrânia. Voam aos milhares, chilreando na folhagem das acácias, pousando ligeiramente nos ramos argênteos das bétulas, sobre as espigas de trigo, sobre as pétalas douradas dos girassóis, para debicarem os grãos dos seus grandes olhos negros. Ouvem-se cantar sem descanso sob a tempestade do canhão, no meio do crepitar das metralhadoras, através do ronco poderoso dos aviões sobre a imensa planície ucraniana. Pousam nos ombros dos soldados, nas selas, nas crinas dos cavalos, nos suportes das peças de artilharia, nos canos das espingardas, nas torres dos *panzer*, nos sapatos dos mortos! Não têm medo dos mortos. São pássaros pequenos, vivos e alegres. Alguns são cinzentos,

outros verdes, outros encarnados, outros ainda amarelos. Alguns não têm senão o peito vermelho ou azul, outros o pescoço, outros a cauda. Há-os brancos com o pescoço azul, e vi alguns (muito pequenos e muito orgulhosos) inteiramente brancos, imaculados! De manhã, ao nascer do Sol, começam a cantar docemente na seara e os Alemães acordam do seu triste sono e levantam a cabeça para escutarem este canto feliz. Voam aos milhares sobre os campos de batalha do Dniester, do Dnieper e do Don; chilreiam livremente, alegremente. Não têm medo da guerra, não têm medo de Hitler, das SS, da Gestapo. Não se detêm nos ramos para contemplar o massacre, mas planam, cantando, no azul, e seguem do alto os exércitos em marcha na interminável planície. Ah! São verdadeiramente belos os pássaros da Ucrânia!

Axel Munthe ergueu a cabeça, tirou os óculos pretos, fitou-me com os seus olhos vivos e maliciosos. Sorria.

– Felizmente que os Alemães não matam os pássaros! – disse. – Fico bem contente por eles não matarem os pássaros.

– *Il a vraiment un cœur tendre, une âme vraiment noble, ce cher Munthe* – disse o príncipe Eugénio.

Repentinamente um longo e doce relincho chegou das bandas do mar. O príncipe Eugénio estremeceu e embrulhou-se no casacão de lã cinzenta, que tinha deixado sobre as costas de uma cadeira.

– Venha ver as árvores – disse. – São belas, as árvores, a esta hora.

Sáimos para o parque. Começava a arrefecer e o céu, a oriente, tinha uma cor de prata oxidada. A morte lenta da luz, o retorno da noite depois da infindável jornada do Verão, dava-me uma impressão de paz e de serenidade. Parecia-me que a guerra tinha acabado, que a Europa estava ainda viva, *the glory that was*, etc., *the grandeur that was*, etc. Tinha passado o Verão na Lapónia, na frente de Petsamo e da Liza, nas imensas florestas de Inari, na tundra ártica, morta e lunar, iluminada por um cruel Sol que nunca entra no ocaso. Estas primeiras sombras outonais davam-me o calor, o repouso, a impressão de uma vida serena e ainda não contaminada

pela contínua presença da morte. Embrulhava-me nas sombras, enfim reencontradas, como num cobertor de lã. O ar era tépido e perfumado como uma mulher.

Tinha chegado a Estocolmo há poucos dias, depois de uma longa estada numa clínica de Helsínquia, e voltava a descobrir na Suécia essa doçura de uma vida serena que fora antigamente o encanto da Europa. Após tantos meses de selvagem solidão no extremo norte, no meio dos Lapões caçadores de ursos, pastores de renas, pescadores de salmão, as cenas, quase olvidadas, de uma vida agradável e laboriosa, que contemplava com admiração nas ruas de Estocolmo, causavam-me uma espécie de embriaguez, uma espécie de euforia. As mulheres, sobretudo, a graça atlética e ativa das claras e diáfanas suecas com cabelos de ouro velho, de sorriso puro, de pequenos seios colocados ao alto no começo do peito como duas condecorações de mérito atlético, duas medalhas comemorativas do octogésimo quinto aniversário do rei Gustavo V, restituíam-me o pudor da vida. A sombra dos primeiros poentes dava à delicadeza feminina um não sei quê de secreto, de misterioso.

Ao longo das ruas mergulhadas numa luz azulada, sob um céu de seda azul-pálida, no ar iluminado pelo reflexo branco das fachadas, as mulheres passavam, semelhantes a cometas de ouro azulado. O sorriso delas era quente, o seu olhar extático e inocente. Os pares enlaçados sobre os bancos do Humlegarden, sob as árvores já húmidas da noite, apareciam-me como uma repetição ideal do grupo enlaçado de Josephson no Festlig Scen. O céu acima dos telhados, as casas ao longo do mar, os veleiros e os vapores ancorados no Ström e ao longo do Strandwägen tinham a tonalidade azul das porcelanas de Marieberg e de Röstrand, esse azul do mar entre as ilhas do arquipélago, do Mälaren perto do Drottningholm, dos bosques em torno do Saltsjöbaden, das nuvens sobre os últimos telhados do Walhallawägen — o azul que se encontra no branco do Norte, nas neves do Norte, nos rios, nos lagos, nas florestas do Norte, o azul que se encontra nos estuques da arquitectura neoclássica sueca, nos grosseiros móveis Luís XV envernizados de branco com que são mobiladas as casas dos camponeses do Norrland e da

Lapónia, e de que me falava na sua voz quente Anders Oesterling passeando no meio das colunas de madeira branca, com estrias dóricas douradas, na sala das reuniões da Academia da Suécia, em Gamle Stade. O azul leitoso do céu de Estocolmo para o nascente, quando os espectros que toda a noite erravam nas ruas da cidade (o Norte é o país dos espectros: as árvores, as casas, os animais são espectros de árvores, de casas, de animais) regressam aos seus lares ao longo dos passeios, semelhantes a sombras azuladas. E eu espiava-os, a estes fantasmas, da minha janela do Grande Hotel ou das janelas da casa de Strindberg, essa casa de tijolos encarnados do n.º 10 de Karlaplan, que habitam agora o secretário da Legação de Itália, Maioli, e, no andar superior, a cantora chilena Rosita Serrano. Os dez *bassets* de Rosita Serrano subiam e desciam as escadas ganindo, a voz de Rosita Serrano elevava-se rouca e doce aos acordes da viola, e eu via em baixo, na praça, errarem os espectros que Strindberg encontrara na escada quando entrara de madrugada, ou surpreendera sentados na antecâmara, ou estendidos no seu leito, ou olhando à janela, pálidos contra o céu pálido, fazendo sinais a invisíveis passeantes. Com o murmúrio da fonte que fica no centro de Karlaplan ouviam-se as folhas das árvores sussurrar na ligeira brisa matinal soprada pelo mar.

Estávamos sentados num pequeno templo neoclássico que se encontra no fundo do parque, lá onde o rochedo se eleva sobranceiro ao mar. Eu via as brancas colunas dóricas desenharem-se docemente sobre o fundo azul da paisagem outonal. Pouco a pouco qualquer coisa de amargo nasceu em mim. Era uma espécie de rancor triste. Palavras cruéis, que eu me esforçava em vão por abafar, subiam-me aos lábios. Foi assim que, quase inconscientemente, comecei a falar dos prisioneiros russos que comiam os cadáveres dos seus camaradas, no campo de Smolensk, sob os olhares impassíveis dos oficiais e soldados alemães. Tinha horror e vergonha das minhas palavras; queria pedir perdão da minha crueldade ao príncipe Eugénio. E o príncipe Eugénio calava-se, embrulhado no seu casacão cinzento, a cabeça descaída sobre o peito. Em certo momento, levantou o rosto, mexeu os lábios como se fosse

falar, mas guardou silêncio. E eu vi no seu olhar uma dolorosa censura.

Nos seus olhos, na sua frente, eu teria querido ler a mesma fria crueldade que se estampara no rosto do *Obergruppfführer* Dietrich quando lhe contei a história dos prisioneiros soviéticos que comiam os cadáveres dos seus camaradas no campo de Smolensk. Dietrich começou a rir. Eu tinha encontrado o *Obergruppfführer* Dietrich, o sanguinário Dietrich, comandante da guarda pessoal de Hitler, na vila da Embaixada de Itália, nas margens do Wannsee, perto de Berlim, e fora extraordinariamente atraído pelo seu rosto pálido, a inacreditável frieza dos seus olhos, as suas orelhas enormes, a sua pequena boca de peixe. Dietrich começou a rir.

– *Haben sie ihnen geschmeckt?* E comiam-nos com apetite? – perguntara-me ele.

E ria, escancarando a pequena boca de peixe com o céu da boca rosado, mostrando os dentinhos de peixe, finos e aguçados. Eu teria desejado que o rosto do príncipe Eugénio exprimisse a mesma crueldade que o de Dietrich e que ele me perguntasse também, na sua voz cansada e aveludada, um pouco longínqua: «*Est-ce qu'ils les mangeaient avec plaisir?*» Mas o príncipe Eugénio ergueu os olhos e fixou-me com uma dolorosa censura.

Uma máscara de profundo sofrimento cobria-lhe o rosto. Compreendeu quanto eu sofria, e fixou-me em silêncio, com uma afectuosa piedade. Senti que se ele me falasse, se me dirigisse uma só palavra, se me tocasse a mão, eu começaria a chorar. Mas o príncipe Eugénio olhava-me silenciosamente enquanto palavras cruéis me subiam aos lábios. Foi assim que, de repente, me apercebi de que estava quase a contar-lhe a história daquele dia em que fora à frente de Leninegrado. Atravessava uma densa floresta perto de Orianenbaum com um oficial alemão, o tenente Schultz, de Stuttgart, ou, mais precisamente, do vale do Neckar, «o vale dos poetas», dizia-me Schultz, falando-me de Hölderlin, da loucura de Hölderlin, «Ele não era louco», dizia Schultz, «era um anjo.» E fazia com a mão um gesto vago e lento, como para desenhar no ar glacial invisíveis asas, olhando para o céu como para seguir com a vista o voo de um

anjo. A floresta era densa e agreste; a claridade ofuscante da neve reflectia-se nos troncos das árvores com uma ligeira pincelada azul; o carro deslizava sobre a pista gelada com um doce ruído. «Hölderlin, na Floresta Negra, voava nas árvores como um grande pássaro», dizia Schultz. Eu mantinha-me calado, olhando à nossa volta a densa e terrível floresta, enquanto escutava o sussurro das rodas sobre a estrada coberta de gelo. E Schultz declamava os versos de Hölderlin:

*Nos prados do Neckar sobre o Reno,
Pensa-se que para habitar
Não há melhor residência no mundo.
Mas eu, eu quero ir para o Cáucaso.*

- Hölderlin era um anjo alemão! – disse eu, sorrindo.
– Era um anjo alemão – repetiu Schultz. E declamou:

Mas eu, eu quero ir para o Cáucaso.

- Hölderlin – disse eu – também queria ir para o Cáucaso, *nicht wahr?*
– *Ach so!* – respondeu Schultz.

Neste momento, num ponto em que a floresta era mais fechada e mais densa e onde uma pista atravessava a nossa estrada, vi bruscamente surgir do nevoeiro, lá em baixo, adiante de nós, no cruzamento dos dois caminhos, um soldado enterrado na neve até à cintura. Estava lá, de pé, imóvel, o braço direito estendido para indicar o caminho. Quando passámos por ele, Schultz levou a mão ao seu quépi, como para saudar e agradecer, e depois disse:

– Aqui está outro que gostaria de ir para o Cáucaso! – E começou a rir, deixando-se cair nas costas do assento. No fim de um outro troço da estrada, num outro cruzamento, eis que, a grande distância, um outro soldado apareceu, igualmente enterrado na neve, o braço direito estendido para nos indicar o caminho.

- Estes pobres diabos vão morrer de frio – disse eu.
Schultz voltou-se para me olhar.

– Não há perigo de que isso aconteça! – respondeu.

E ria. Perguntei-lhe porque pensava ele que esses pobres diabos não estavam em perigo de ficar congelados.

– Porque, apesar de tudo, eles já estão adaptados! – retorquiu Schultz com uma gargalhada, batendo-me nas costas.

Parou o carro e voltou-se para mim com um sorriso:

– Quer vê-lo de perto? Poderá perguntar-lhe se ele tem frio.

Descemos do automóvel e aproximámo-nos do soldado que ali estava, de pé, imóvel, com o braço direito estendido para nos indicar o caminho. Estava morto. Tinha os olhos esgazeados, a boca entreaberta. Era um soldado russo, morto!

– É a nossa polícia de trânsito e de comunicações – disse Schultz. – Chamamos-lhe «a polícia silenciosa».

– Está bem certo de que ele não fala?

– Que ele não fala? *Ach so!* Experimente interrogá-lo.

– É melhor não experimentar. Tenho a certeza de que me responderia – contrapus eu.

– *Ach sehr amüsant!* – exclamou Schultz, rindo.

– *Ja, sehr amüsant, nicht wahr?*

Depois acrescentei com um ar indiferente:

– Quando vocês os trouxeram para aí, estavam vivos ou mortos?

– Vivos, naturalmente! – respondeu Schultz.

– Então, naturalmente, morreram de frio? – retorqui por minha vez.

– *Nein, nein*, não morreram de frio. Olhe para ali. – E Schultz mostrou-me um coágulo de sangue, um coágulo de neve ensanguentada na têmpora do morto.

– *Ach so! Sehr amüsant!*

– *Sehr amüsant, nicht wahr?* – perguntou Schultz. E acrescentou, rindo: – É preciso que, apesar de tudo, os prisioneiros russos sirvam para alguma coisa!

– *Taisez-vous* – disse o príncipe Eugénio em voz baixa. Disse simplesmente: «*Taisez-vous.*» Eu teria preferido que ele dissesse, na sua voz lassa e aveludada, um pouco longínqua: «Ah, sim! É preciso que os prisioneiros russos sirvam para alguma coisa!» No entanto, ele

calara-se. E eu sentia horror e vergonha das palavras que dissera. Talvez esperasse que o príncipe Eugénio estendesse a mão, me pousasse a mão no braço. Sentia-me humilhado, cheio de um rancor triste e cruel.

Do mais cerrado da floresta de carvalhos do Oakhill vinha o som de patadas de cascos impacientes na terra húmida, de relinchos abafados. O príncipe Eugénio ergueu a cabeça, ficou a escutar por um instante. Depois levantou-se e dirigiu-se em silêncio a caminho de casa. Segui-o, em silêncio também. Entrámos no estúdio e sentámo-nos diante de uma pequena mesa onde estava servido o chá em belas porcelanas russas de Catarina, transparentes e ligeiramente azuladas. O bule e o açucareiro eram de velha prata sueca, não tão brilhante como as pratas russas de Fabergé, mas ligeiramente baça, com esse brilho fosco que possui a velha *ten* nos países bálticos. O relinchar dos cavalos ouvia-se fracamente. Confundia-se com o murmúrio do vento nas folhas das árvores. Na véspera, fora eu a Uppsala visitar o famoso Jardim de Lineu e os túmulos dos antigos reis da Suécia, esses grandes túmulos de terra que se assemelham às tumbas dos Horácios e dos Curiácios, na Via Ápia. Perguntei ao príncipe Eugénio se era verdade que os antigos suecos sacrificavam os seus cavalos nos túmulos dos seus monarcas.

– Algumas vezes eram os monarcas que eles sacrificavam sobre os túmulos dos cavalos – respondeu o príncipe Eugénio. E ria, maliciosamente, como se estivesse contente por voltar a ver-me sereno, sem sombra de crueldade, agora, na voz e no olhar. O vento soprava por entre as árvores do parque, e eu pensava nas cabeças de cavalos suspensas dos ramos dos carvalhos de Uppsala, por cima dos túmulos dos reis, nos grandes olhos dos cavalos transbordantes desse brilho húmido que se vê nos olhos das mulheres quando o prazer ou a piedade os ilumina.

– Nunca pensou – disse eu – que a paisagem sueca é uma paisagem de natureza equina?

O príncipe Eugénio sorriu.

– Conhece – perguntou-me – os desenhos de cavalos de Carl Hill, os *hästar* de Carl Hill? Carl Hill era maluco – acrescentou –, acreditava em que as árvores eram cavalos verdes.

– Carl Hill – respondi – pintava os cavalos como se fossem paisagens. Há realmente qualquer coisa de estranho na natureza sueca: a mesma loucura que se encontra na natureza dos cavalos. E a mesma nobreza, a mesma sensibilidade mórbida, a mesma imaginação livre e abstracta. E não é apenas nas árvores das florestas, grandes, solenes, extraordinariamente verdes, que se revelam a natureza equina, a loucura equina da paisagem sueca, mas no brilho sedoso das perspectivas dos cursos de água, dos bosques, das ilhas, das nuvens, nestas perspectivas aéreas, ligeiras e profundas, onde os brancos transparentes, o vermelho quente, os azuis-turquesas frios, os verdes húmidos, os azuis brilhantes compõem uma harmonia ligeira e fugitiva como se as cores não ficassem nunca muito tempo sobre as árvores, sobre os prados, sobre as águas, mas voassem imediatamente, à maneira das borboletas (se lhe tocamos, a paisagem sueca deixa as suas cores na ponta dos nossos dedos, como as asas das borboletas). É uma paisagem suave ao tacto como o pêlo de um cavalo: tem as cores fugazes, a ligeireza e o brilho aéreo, o reflexo variado dos pêlos de um cavalo voando no meio de uma senda de ervas e de folhas, no *bruaá* de uma caçada, sobre o fundo verde das árvores e dos prados, debaixo de um céu cinzento e rosa. Repare no Sol – digo eu – quando se ergue por cima das florestas de pinheiros azuis, por cima dos claros e pequenos bosques de bétulas, por cima do cinzento-prateado das águas, por cima do verde-azulado dos prados. Olhe o Sol quando se ergue no horizonte, iluminando a paisagem desse brilho húmido que se encontra nos olhos extasiados dos cavalos. Há qualquer coisa de irreal na natureza sueca, cheia de fantasia e de caprichos, pletórica desse lirismo louco que brilha nos olhos dos cavalos. A paisagem sueca é um cavalo galopando. Escute – repeti – o gemido do vento por entre as árvores. Escute o gemido do vento nas folhas e na erva.

– São os cavalos do Tivoli que regressam do mar – disse o príncipe Eugénio, prestando atenção.

— Há já algum tempo — disse eu — fui ao campo de obstáculos que se encontra perto do quartel dos Hussardos Reais, no Fältrittklubb de Estocolmo, para assistir à última jornada do concurso hípico em que entravam os melhores cavalos dos mais elegantes regimentos do rei. As árvores, os cavalos, a erva do prado, o cinzento-desmaiado dos muros do grande campo de ténis coberto, os vestidos claros do público feminino, os uniformes azuis dos oficiais de hussardos, compunham no ar prateado um quadro de Degas, afectuoso e delicado, esfumado de tons cinzento-rosa e verdes extremamente ténues. (Foi durante esta última corrida que o cavalo *Führer*, montado pelo tenente Eriksson, da Artilharia Real do Norrland, no momento do concurso do *läktaren*, partiu derrubando as barras, as sebes, todos os obstáculos: o público ficou silencioso para que a Alemanha do *Führer*, do outro lado do mar, não pudesse aproveitar o pretexto de um aplauso ou de um assobio para invadir a Suécia. Na mesma ocasião, por um delicado espírito de neutralidade, o cavalo *Molotov*, montado por um oficial de nome inglês, muito inoportuno nesse momento, o capitão Hamilton, da Artilharia Real de Göta, renunciou no último momento a participar no concurso, fosse por causa das frágeis relações, particularmente tensas nesses dias, entre a Suécia e a U. R. S. S., que afundara alguns navios suecos no Báltico, fosse para evitar um confronto público entre o *Führer* e *Molotov*.) Duzentas ou trezentas pessoas, sentadas em bancos que faziam as vezes de tribunas, formavam o público, o elegante público habitual de Estocolmo reunido em volta do príncipe herdeiro, sentado num grande banco sem espaldar. E o corpo diplomático estrangeiro constituía uma mancha escura no meio dos vestidos verdes, vermelhos, amarelos e turquesas e dos uniformes azuis.

Em certo momento, ao ouvirem o grande relincho doce e aveudado, quase terno, que lançou *Rockaway*, montado por S. A. R. o Príncipe Gustavo Adolfo, todos os cavalos do hipódromo responderam. Dir-se-ia um desafio de amor. E *Bäckhastäten*, do *Rittmaster* Ankarcrona, dos Hussardos Reais, *Miss Kiddy*, do tenente Nyholm, dos Dragões Reais do Norrland, e *Babian*, do tenente Nihlen, da

Artilharia Real de Svea, puseram-se a brincar no prado, sob os olhares severos do príncipe herdeiro, enquanto por detrás do painel das árvores, do princípio do prado e das cavaliariças dos Hussardos Reais, do outro lado da pista, chegava o relinchar de invisíveis cavalos. Até as parelhas da equipagem real começaram a relinchar de tal maneira que, durante alguns instantes, o único ruído que se ouvia era o do relinchar dos cavalos. Pouco a pouco, a voz do vento, o apitar dos navios, a queixa brumosa das gaivotas, o roçar das folhas das árvores, o barulho de uma invisível chuva morna retomaram força e coragem, e o relinchar extinguiu-se. Mas durante esse curto momento parecera-me realmente ouvir a voz da natureza sueca em toda a sua pureza: uma voz equina, um terno relinchar, uma voz profundamente feminina.

O príncipe Eugénio pousou a mão no meu braço e disse, sorrindo: — *Je suis heureux que vous...* — Depois acrescentou em tom afectuoso: — *Ne partez pas pour l'Italie, restez encore quelque temps en Suède: vous guérerez de tout ce que vous avez souffert.*

A luz da tarde enfraquecia pouco a pouco: um tom nocturno cor de violeta espalhava-se lentamente na sala. Minuto a minuto eu era tomado por uma indefinível impressão de pudor. Sentia vergonha e horror de tudo aquilo que tinha sofrido no decorrer destes anos de guerra. Uma vez mais, como sempre que eu ia ou vinha da Finlândia e fazia uma paragem breve na Suécia, nesta ilha feliz no meio de uma Europa corrompida pela fome, pelo ódio e pelo desespero, eu reencontrava a impressão de uma vida serena, o sentimento da dignidade humana. Sentia-me de novo livre, mas era um sentimento doloroso e cruel. Devia, alguns dias mais tarde, partir para a Itália. E agora a sensação de que me era preciso deixar a Suécia, atravessar a Alemanha, voltar a cruzar-me com esses rostos alemães desfigurados pelo ódio e pelo medo, húmidos de um suor mórbido, enchia-me de desgosto e de humilhação. Voltaria a encontrar, também, dentro de alguns dias, os rostos italianos,

os meus rostos italianos desencorajados, pálidos de fome; reconhecer-me-ia na angústia fechada destas caras, nos olhos da multidão dos eléctricos, dos autocarros, dos cafés, dos passeios sob os grandes retratos de Mussolini colados nas paredes e nas vitrinas, sob essa cabeça balofa e esbranquiçada de olhos covardes, de boca mentirosa – e um sentimento de piedade e de revolta apossava-se de mim pouco a pouco.

O príncipe Eugénio observava-me em silêncio. Compreendia o que ia dentro de mim, a angústia que me estrangulava o coração, e começou a falar-me gentilmente da Itália, de Roma, de Florença, dos seus amigos italianos, que já não via há muito tempo. Em certo momento perguntou-me o que pensava fazer o príncipe do Piemonte.

« Vai ficando careca », apeteceu-me responder-lhe, mas contentei-me em dizer-lhe, sorrindo:

– Está em Anagni, perto de Roma, à frente das tropas que defendem a Sicília. – O príncipe sorriu também, mas como se não sorrisse da minha inocente malícia, e perguntou-me se já não o via há muito tempo. – Vi-o em Roma pouco antes de deixar a Itália – respondi. Queria dizer-lhe que o meu último encontro com o príncipe Humberto me deixara uma impressão de compaixão e desgosto. Alguns anos tinham bastado para fazer desse jovem príncipe orgulhoso e sorridente um homem de aspecto pobre, triste, humilhado. Qualquer coisa na sua frente, no seu olhar, traía uma consciência inquieta e desencorajada. Mesmo a sua cordialidade, tão repleta de uma amável sinceridade ainda há pouco, se adulterara: o seu sorriso era humilde, incerto.

Eu já me havia apercebido do seu abatimento um pouco antes da guerra, em Capri, numa noite em que jantávamos no Zum Kater Hiddigeigei, no estreito terraço envidraçado, sobranceiro à rua. Na sala contígua, um grupo de jovens conduzidos pela condessa Edda Ciano dançava ruidosamente no meio da afluência dominical de uma multidão napolitana, suada e sobreexcitada. O príncipe do Piemonte observava com olhar mortiço a mesa ocupada pela juvenil corte da condessa Ciano e o pequeno grupo reunido diante do

balcão do bar, em redor de Mona Williams, de Noël Coward, de Eddie Bismarck. De tempos a tempos, ele erguia-se, convidando com uma inclinação breve Elizabeth Moretti ou Marita Guglielmi. Entre uma dança e outra, voltava a sentar-se à nossa mesa e limpava a testa com o lenço. Sorria, mas com um sorriso contrafeito e quase assustado. Trazia umas calças brancas estreitas e um pouco curtas e um pulôver de lã azul, modelo lançado nesse ano por Gabriella Robilant. Tirara o casaco e colocara-o nas costas da cadeira. Nunca o vira vestido com tão insólita negligência. Eu observava com espanto e desprazer a mancha branca que se alargava no cimo do seu crânio, semelhante a uma grande tonsura. Parecia muito envelhecido. A própria voz também envelhecera: encanecida, tornara-se quase rouca, gutural.

A moleza, o abandono, o aborrecimento a floravam em cada um dos gestos que fazia, no seu próprio sorriso, ainda há pouco tão infantil, e no brilhar dos seus grandes olhos negros. Sentia uma espécie de delicada piedade por esse jovem príncipe de ar estiolado, abatido, que envelhecia humildemente, com uma doce resignação. Comecei a pensar que todos nós, na Itália, tínhamos envelhecido antes do tempo; que a mesma moleza, o mesmo abandono, o mesmo aborrecimento enlanguesciam os gestos, corrompiam o sorriso e o olhar de cada um de nós. No entanto, não havia mais nada de puro, mais nada de verdadeiramente jovem na Itália. Nas rugas, na calvície precoce, na pele morta deste jovem príncipe, havia como que o sinal de um destino comum. Sentia que um doloroso, um acubrunhante pensamento ocupava o seu espírito, que a humilhação da escravatura o tinha corrompido também a ele, que ele também era um escravo – e isso dava-me vontade de rir, de pensar que ele também era um escravo.

Já não era o *prince charmant* que víamos passear nas ruas de Turim, de sorriso cordial nos seus lábios orgulhosos e vermelhos, esse *prince charmant* que víamos assomar à porta das casas dos seus amigos ao lado da princesa do Piemonte para os jantares e os bailes que a nobreza turinense oferecia ao jovem par. E era um par verdadeiramente delicioso, sentia-se prazer ao vê-los

juntos: ele ligeiramente contrafeito, ela um pouco desconfiada e assustada, o seu claro olhar pousado sobre as outras mulheres jovens com uma suspeita ciumenta que a sua graça silenciosa não conseguia dissimular.

Ela também, a princesa do Piemonte, me parecera triste e humilhada na última vez que a encontrara. Como ela estava diferente daquela que eu vira pela primeira vez em Turim durante um baile, toda vestida de branco, radiosa e doce! Fora um dos primeiros bailes em que ela tomara parte na Itália, depois do casamento. Entrara, e pareceu que caminhava em nós mesmos, docemente, como uma imagem secreta. Como era diferente daquela que reencontrei em Florença ou em Forte dei Marmi e que por vezes me acontecia surpreender em Capri sobre os recifes e nas grutas da Piccola Marina, junto dos Faraglioni. Também nela havia, então, qualquer coisa de humilhada.

Já o notara alguns anos antes, na Côte d'Azur. Estava eu sentado uma noite com amigos, no terraço do Monte Carlo Beach, junto da piscina. No palco do teatro ao ar livre, o friso de pernas nuas de um famoso *chorus girls* de Nova Iorque elevava-se e baixava cadenciadamente. A noite estava quente; deitado sobre os recifes, o mar dormia. Perto da meia-noite, a princesa do Piemonte chegara acompanhada pelo conde Gregorio Calvi di Bergolo. Passado um momento, mandou convidar-nos por ele para a sua mesa. A princesa estava calada, olhando o espectáculo com um olhar bizarramente absorvido; a orquestra tocava *Stormy Weather* e *Singing in the Rain*. Em certo momento, voltou-se para mim e perguntou-me quando é que eu voltaria a Turim. Respondi-lhe que não voltaria à Itália se as coisas não mudassem. Olhou-me em silêncio, longamente, com ar triste.

– Lembra-se daquela noite em Vence? – perguntou-me de repente.

(Alguns dias antes eu fora a Vence saudar da parte de Roger Cornaz, o tradutor francês de D. H. Lawrence, duas jovens americanas então famosas em toda a Côte d'Azur pelas suas «danças sagradas». As duas virgens americanas viviam juntas, sozinhas, numa velha casita. Eram muito pobres e pareciam felizes. A mais jovem era parecida com Renée Vivien. Disseram-me que nessa noite esperavam

a visita da princesa do Piemonte. Enquanto a mais jovem, escondida por detrás de uma cortina poeirenta, se preparava para o bailado (a sua amiga escolhia alguns discos e dava à manivela do gramofone), entrara a princesa do Piemonte com Gregorio Calvi e outros. Naquele momento não me parecera que alguma coisa tivesse mudado no seu aspecto; depois, pouco a pouco, apercebi-me de que também havia nela qualquer coisa de humilhado, de fanado. Na sala mal iluminada, baixa e abobadada como uma gruta, numa espécie de palco forrado de pano e de papel, a jovem americana que se parecia com Renée Vivien começou a dançar. Era uma pobre dança, deliciosamente antiquada, inspirada, dizia a amiga, num fragmento de Safo. A princípio, a dançarina parecia arder num fogo puro: uma chama crepitava nos seus olhos claros. Mas ao cabo de instantes pareceu cansada, aborrecida. A amiga fixava-a com um olhar afectuoso e ao mesmo tempo irresistível, enquanto, em voz baixa, falava à princesa do Piemonte de danças sagradas, de Platão, de estátuas de Afrodite. A dançarina evolucionava lentamente no pequeno palco, à claridade avermelhada de duas lâmpadas cobertas por uma campânula de cetim violeta, erguendo e baixando ora uma perna ora outra ao ritmo do gramofone, levantando por vezes os braços e unindo as mãos por cima da cabeça, depois deixando-as tombar ao longo das suas ancas, num gesto de supremo abandono. A seguir parou e disse com uma pueril simplicidade: «Estou fatigada.» E sentou-se sobre uma almofada. A amiga tomou-a nos braços chamando-lhe queridinha e voltou-se para a princesa do Piemonte dizendo: «Não é verdade que ela é maravilhosa, *isn't she?*»

– Sabe em que pensava eu na outra noite quando assisti à dança daquela jovem americana? – perguntou-me a princesa. – Pensava que os seus gestos não eram puros. Não quero dizer que eles fossem sensuais ou que lhes faltasse pudor; quero dizer que eram orgulhosos. Não eram puros. Pergunto-me muitas vezes porque é tão difícil hoje ser-se puro. Não pensa que devíamos ser mais humildes?

– Creio – respondi – que as danças dessa jovem americana não são para vós mais do que um pretexto. Talvez pensásseis em qualquer outra coisa.

– Sim, talvez pensasse numa outra coisa – disse ela. Calou-se por um momento. Depois repetiu: – Não crê que devíamos ser mais humildes?

– Devíamos ter mais dignidade – respondi –, um maior respeito por nós mesmos. Mas talvez tenha razão: só a humildade pode erguer-nos da humilhação em que caímos.

– Talvez fosse isso que eu queria dizer – retorquiu a princesa, baixando a cabeça. – Estamos doentes de orgulho e o orgulho não basta para nos levantar da humilhação. Os nossos actos e os nossos pensamentos não são puros. – E acrescentou que alguns meses antes, quando mandara executar no Palácio Real de Turim, para um círculo restrito de amigos e de apreciadores, o *Orpheu*, de Monteverdi, fora tomada, nos últimos instantes, de um sentimento de pudor. Parecia-lhe que a sua intenção não fora pura. Parecia-lhe somente estar a dar corpo a uma atitude de orgulho.

– Também me encontrava no Palácio Real – acrescentei eu –, e senti-me maldisposto, sem saber porquê. Talvez porque hoje o próprio Monteverdi destoa na Itália. Mas é pena que vós desperdiceis o vosso pudor em certas coisas que não honram a vossa inteligência e o vosso bom gosto, quando há tantas outras de que todos devíamos corar, e vós inclusive.

A princesa do Piemonte pareceu muito perturbada com as minhas palavras e vi-a enrubescer ligeiramente. Sentia já remorsos de lhe ter falado daquela maneira. Supus tê-la ofendido. Mas, passados momentos, disse-me, com voz amável, que numa manhã dessas – talvez no dia seguinte – subiria a Vence para visitar o túmulo de Lawrence (*Lady Chatterley's Lover* era muito lido, muito discutido nessa altura), e eu contei-lhe a minha última visita a Lawrence.

Quando cheguei a Vence já anoitecera. O cemitério encontrava-se fechado, o guarda dormia e recusara-se a sair da cama, declarando que «à noite, os cemitérios são destinados a dormir». Então, com o rosto apoiado aos ferros do gradeamento, tentei descobrir na noite prateada pelo luar a sepultura humilde e simples, o grosseiro mosaico de seixos coloridos representando uma fénix, a ave imortal, que Lawrence desejara sobre a sua campa.

– Acredita que Lawrence fosse um homem puro? – perguntou-me a princesa do Piemonte.

– Era um homem livre – respondi eu.

Daí a bocado, dizendo-me «Até à vista», a princesa do Piemonte acrescentou, com um acento de tristeza que me surpreendeu:

– Porque não regressa à Itália? Não tome as minhas palavras como uma censura. É o conselho de uma amiga.

Dois anos mais tarde regresssei a Itália e fui preso, encarcerado numa cela de Regina Coeli, condenado sem processo a cinco anos de deportação. Na prisão, eu pensava que a princesa do Piemonte estava já possuída da profunda tristeza do povo italiano, que ela se encontrava também humilhada pela nossa comum escravatura, e eu sentia-me grato pelo acento triste, quase afectuoso, que tinha perscrutado nas suas palavras.

A última vez que a encontrei foi em Nápoles, não há muito tempo, no *hall* da gare, pouco depois de um bombardeamento. Os feridos jaziam em cima de macas alinhadas no cais, aguardando as ambulâncias. A princesa do Piemonte mostrava no seu rosto a palidez mortal da angústia – mas não apenas da angústia: qualquer coisa de mais profundo, de mais secreto. Emagrecera, tinha umas olheiras enormes e as têmperas floridas de uma ligeira tatuagem branca de rugas. Para todo o sempre, aquele puro esplendor que a iluminava quando fora a Turim pela primeira vez, alguns dias depois do seu casamento com o príncipe Humberto, apagara-se. Tornara-se mais lenta, mais pesada e parecia estranhamente envelhecida. Reconheceu-me, parou para me dar os bons-dias e perguntou-me de que frente de batalha eu vinha.

– Da Finlândia – respondi.

Olhou-me e retorquiu:

– Tudo acabará bem, verás. O nosso povo é maravilhoso.

Comecei a rir. Queria responder-lhe: «Nós já perdemos a guerra; todos nós perdemos a guerra. Vós também.» Mas não disse nada. Repliquei apenas: «O nosso povo é muito desgraçado!» Ela afastou-se na multidão, com o seu passo lento, um pouco incerto.

Eis o que eu queria dizer ao príncipe Eugénio, mas contive-me e sorri à lembrança do jovem par principesco.

– *Le peuple italien les aime beaucoup, n'est-ce pas?* – inquiriu o príncipe Eugénio. E, antes que eu pudesse responder: «*Oui, le peuple les aime beaucoup*» (eu queria responder de outro modo, mas não o ousava), acrescentou ele, dizendo que possuía bastantes cartas de Humberto (foi assim que ele disse: *Humberto*), que pensava pô-las em ordem e que tinha a intenção de as reunir e publicar. Mas eu não compreendi se ele falava do rei Humberto ou do príncipe Humberto do Piemonte. Depois perguntou-me se *Umberto*, em italiano, se escrevia *Humberto* com H.

– Sem H – respondi. E ri-me, pensando que o príncipe do Piemonte era também um escravo como cada um de nós, um pobre escravo coroadado, o peito coberto de cruces e de medalhas. Pensei que ele também era um pobre escravo, e ri-me. Sentia vergonha do meu riso, mas ria.

A certa altura apercebi-me de que o olhar do príncipe Eugénio se voltava lentamente para uma tela pendurada numa das paredes da sala. Era o famoso quadro *Pà balkongen*, que ele pintara durante a sua juventude, em Paris, por alturas de 1888. Uma mulher jovem, a Friherrinna Celsing, encontrava-se encostada à balaustrada de uma varanda sobranceira a uma das avenidas que partem da Étoile. O castanho da saia com reflexos verdes e azuis, o louro quente dos seus cabelos, encerrados num pequeno chapéu como usam as mulheres de Manet e de Renoir, ressaltam na tela, sobre os brancos transparentes e os cinzento-rosas das fachadas e sobre o húmido das árvores da avenida. Um carro passa por debaixo da varanda. É um fiacre negro, e o cavalo, visto do alto, parece ser de madeira: rijo e magro, dá a ideia de um jogo infantil nesta rua parisiense, doce e delicada. Eles também, os cavalos do ónibus que descem a Étoile, parecem envernizados de fresco, do mesmo esmalte luzidio com que brilham as folhas dos castanheiros. Dir-se-iam os cavalos de um carrocel numa quermesse de província (com aquela delicada cor das árvores de província, das casas, do céu sobre os telhados da avenida). O céu é ainda o de Verlaine, e é já o de Proust.

– *Paris était bien jeune, alors* – disse o príncipe Eugénio, aproximando-se do quadro. Olhava a Friherrinna Celsing na sua

varanda, falava-me em voz baixa, com uma espécie de pudor, dessa jovem Paris de Puvis de Chavannes, dos seus amigos pintores Zorn, Wahlberg, Cederström, Arsenius, Wennerberg, desses anos felizes. *Paris était bien jeune, alors.* Era a Paris de Madame de Morierval, de Madame de Saint-Euverte, da duquesa do Luxemburgo (e também de Madame de Cambremer e do jovem marquês de Beausergent), dessas *déeses* de Proust cujos olhares incendiavam profundamente a plateia, de fogos inumanos, horizontais e esplêndidas, de brancas deidades vestidas de flores brancas, penugentas como uma asa, ao mesmo tempo pluma e corola, como certas florações marinhas, que falavam com o delicioso requinte de uma frieza premeditada, à maneira de Mérimée ou de Meilhac, dos semideuses do Jockey Club, no ambiente raciniano de *Fedra*. Era a Paris do marquês de Palancy, que passava na sombra transparente de um camarote como um peixe por detrás do anteparo de vidro de um aquário. (Era também a Paris da Praça de Tertre, dos primeiros cafés de Montparnasse, da Porte des Lilas, de Toulouse-Lautrec, da Goulue e de Jean, o *Desengonçado*.)

Teria desejado interromper o príncipe Eugénio para lhe perguntar se ele tinha visto alguma vez o duque de Guermantes entrar num camarote e, com um gesto, ordenar aos monstros marinhos e sagrados, flutuando no fundo do antro, que se sentassem, para lhe pedir que me falasse de mulheres belas e levianas como Diana, dos elegantes que discorriam no *jargon ambigu* de Swann e do senhor de Charlus, e ia já fazer-lhe a pergunta que há momentos me queimava os lábios, dizendo com voz emocionada: «*Vous avez sans doute connu Madame de Guermantes?*», quando o príncipe Eugénio se voltou, oferecendo o seu rosto à fraca luz do pôr-do-sol, afastou-se do quadro e pareceu sair da sombra cálida e dourada desse *côté de Guermantes* (no qual parecia refugiar-se), emergindo do outro lado de um vidro de aquário, semelhante, ele também, a qualquer monstro marinho e sagrado. Sentando-se num cadeirão ao fundo da sala, no local mais afastado da Friherrinna Celsing, começou a falar de Paris como se Paris, aos seus olhos de pintor, fosse somente uma cor, a recordação,

a nostalgia de uma cor (esses rosas, esses cinzentos, esses verdes, esses azuis passados). Talvez realmente Paris não fosse para ele mais que uma cor muda, uma cor privada de ressonância: as suas recordações visuais, as imagens desses jovens anos parisienses, despojadas de toda a qualidade sonora, viviam na sua memória uma vida própria, moviam-se, iluminavam-se, esvoaçavam como os monstros alados da pré-história. As imagens mudas da sua jovem e longínqua Paris desfaziam-se diante dos seus olhos sem ruído, sem que o desmoronar de todo esse mundo feliz da sua juventude embaciasse com a vulgaridade de um ruído a castidade do silêncio.

Para me subtrair ao encanto triste dessa voz e das imagens evocadas por ela, ergui os olhos e olhei através das árvores do parque as casas de Estocolmo, cor de cinza na claridade enfraquecida do poente. Vi ao longe, sobre o Palácio Real, sobre as igrejas de Gamle Stade, estender-se um céu azul que, lentamente, a noite escurecia, semelhante ao céu de Paris, esse céu proustiano de *papier gros bleu* que, das janelas da minha casa parisiense da Praça Dauphine, eu via estender-se sobre os telhados da *Rive gauche*, a flecha da Sainte-Chapelle, as pontes do Sena, o Louvre, e esses vermelhos desmaiados, esses rosas inflamados, esses cinzentos-azuis das nuvens e a sua combinação delicada com o negro esfumado dos telhados de ardósia apertavam-me docemente o coração. Nesse momento pensava que o príncipe Eugénio era, ele também – quem sabe? –, uma personagem do *côté de Guermantes*. Talvez uma dessas personagens que evocam o nome de Elstir. E já ia fazer-lhe a pergunta que me queimava os lábios, já ia pedir-lhe, com voz emocionada, que me falasse dela, da senhora de Guermantes, quando o príncipe Eugénio se calou e, depois de um longo silêncio, durante o qual pareceu reunir, como para as proteger, as imagens da sua juventude por detrás das pálpebras fechadas, me perguntou se eu voltara a Paris durante a guerra.

Não me apetecia dar-lhe uma resposta. Sentia uma espécie de doloroso pudor: não queria falar-lhe de Paris, da minha jovem Paris, e meneei a cabeça, meneei lentamente a cabeça olhando-o fixamente, e depois disse-lhe:

– Não, nunca fui a Paris durante a guerra; não quero voltar a Paris enquanto durar a guerra.

Às imagens da longínqua Paris da senhora de Guermantes sobrepunham-se pouco a pouco diante dos meus olhos as queridas, as dolorosas imagens de uma Paris mais jovem, mais inquieta e talvez mais triste. Como rostos de vagabundos aflorando da bruma, por fora dos vidros de um café, eu via apresentarem-se à minha memória os rostos de Albertine, de Odette, de Saint-Loup, as sombras de adolescentes que se entreviam por detrás do dorso de Swann e do senhor de Charlus, as fronteas marcadas pelo álcool, a insónia, a sensualidade das personagens de Apollinaire, de Matisse, de Picasso, de Hemingway, os espectros azuis e cinzentos de Paul Éluard.

– Vi os soldados alemães em todas as cidades da Europa – disse eu –, mas não quero vê-los em Paris.

O príncipe Eugénio inclinou a cabeça sobre o peito e retorquiui-me em voz longínqua:

– *Paris, hélas!*

De repente, ergueu a cabeça, atravessou lentamente a sala e reaproximou-se do retrato da Friherrinna Celsing. Da sua varanda a jovem olha os pavimentos da avenida, molhados pela chuva outonal, e vê o cavalo do fiacre e os cavalos do ónibus balançarem as cabeças sob as árvores verdes, já queimadas pelo primeiro fogo do Outono. O príncipe Eugénio aproximou a mão da tela, aflorou com os seus longos dedos brancos a fachada das casas, o céu que cobria os telhados e as folhas; acariciou esse ar de Paris, essa cor de Paris, esses rosas, esses cinzentos, esses verdes, esses azuis ligeiramente velhos, essa luz transparente e pura de Paris. Depois voltou-se e olhou-me sorrindo. Então apercebi-me de que os seus olhos estavam húmidos de lágrimas e que uma lágrima rolava lentamente no seu rosto. O príncipe limpou essa lágrima num gesto impaciente e disse, sorrindo:

– *N'en dites rien à Axel Munthe, je vous en prie. C'est un vieux malin. Il raconterait à tout le monde qu'il m'a vu pleurer.*

II

PATRIACAVALO

Após a transparência espectral do interminável dia de um Verão sem auroras nem poentes, a luz começava a perder a sua vivacidade; o rosto do dia cobria-se de rugas, pouco a pouco a tarde tornava mais pesadas as primeiras sombras breves, ainda luminosas. As árvores, as pedras, as casas, as nuvens despegavam-se lentamente numa suave paisagem de Outono, semelhante a essas paisagens de Elias Martin, ao mesmo tempo exaltadas e suavizadas pelo presságio da noite.

De súbito, ouço relinchar os cavalos de Tivoli. Digo então ao príncipe Eugénio:

— É a voz da égua morta de Alexandrowska, na Ucrânia; é a voz da égua morta.

A tarde começava a declinar; os tiros de espingarda dos guerrilheiros esburacavam a imensa bandeira, vermelha do poente, que flutuava na linha do horizonte, sob um vento de poeiras. Acabara de chegar a algumas milhas de Nemirowskaie, perto de Balta, na Ucrânia. Tudo isto se passou no Verão de 1941. Pretendia chegar a Nemirowskaie, para aí passar a noite em segurança. Mas como já fazia escuro, decidi parar numa aldeia abandonada, no fundo de um dos vales que cortam de norte a sul a imensa planície compreendida entre o Dniester e o Dnieper.

A aldeia chamava-se Alexandrowska. Na Rússia, as aldeias parecem-se todas, até no nome. Várias aldeias ostentam o nome de Alexandrowska, na região de Balta. Há uma a cerca de onze milhas

para oeste de Balta. Há uma terceira a oeste de Gederimova, na estrada de Odessa, onde passa o caminho-de-ferro electrificado, e uma quarta, cerca de nove milhas ao norte de Gederimova. Aquela onde eu parara a fim de passar a noite ficava perto de Nemirowskaie, nas margens do rio Kodima.

Deixara o meu carro, um velho *Ford*, numa das bermas da estrada, contra o tapume que rodeava o jardim de uma casa de aspecto burguês. Junto da cancela de madeira que se abria no tapume jazia a carcaça de um equídeo. Detive-me um momento para a observar: fora uma magnífica égua, com o pêlo de um ruivo sombrio e uma longa crina loura. Estava deitada de lado, com as patas traseiras num charco: empurrei a cancela, atravessei o jardim, apoiei a mão na porta da casa, que se abriu rangendo. A casa estava abandonada; nos quartos, os soalhos estavam cobertos de papéis, de jornais e de roupas. As gavetas estavam escancaradas, os armários abertos, as camas desfeitas. Não era por certo a casa de um camponês: talvez me encontrasse em casa de um judeu. No quarto onde resolvi dormir, o colchão estava esventrado. Os vidros da janela estavam intactos. Fazia calor. «Trovoada», pensei, enquanto fechava a janela.

Na luz indecisa da noite que enfim chegara, os grandes olhos negros dos girassóis de longos cílios dourados brilhavam no jardim. Fitavam-me com espanto, baloiçando a cabeça ao vento, que a chuva, ainda longínqua, já humedecia. Soldados romenos de cavalaria passavam na estrada, de regresso do bebedouro, conduzindo pela rédea os seus belos cavalos de flancos musculosos e de louras crinas. Os seus uniformes cor de terra desenhavam na sombra manchas amareladas e assemelhavam-se a grandes insectos viscosos no ar denso e pegajoso da trovoada iminente. Os cavalos amarelos seguiam-nos, erguendo uma nuvem de pó.

Eu possuía ainda um pouco de pão e queijo no saco de viagem; comecei a comer, percorrendo a passadas largas o compartimento. Tirara as botas e caminhava de pés descalços pelo chão de terra batida, percorrido por colunas de grandes formigas negras. Sentia as formigas subirem-me pelos pés, insinuarem-se entre os dedos, explorarem-me os tornozelos. Estava morto de fadiga e nem sequer

conseguia mastigar, de tal modo sentia os maxilares renitentes e os dentes doridos pela fadiga. Deixei-me cair, finalmente, sobre a cama e fechei os olhos, mas não consegui adormecer. De tempos a tempos, um tiro de espingarda, próximo ou longínquo, rompia o silêncio da noite. Eram tiros disparados por guerrilheiros, escondidos nos campos de trigo e nas florestas de girassóis que cobrem toda a imensa planície ucraniana quer do lado de Kiev, quer do de Odessa. Depois, à medida que a noite se tornava mais densa, o fedor da carcaça do cavalo fundia-se com o perfume da erva e dos girassóis. Não podia dormir. Estava estendido no meu leito de olhos fechados, mas não conseguia adormecer, de tal modo estava morto de fadiga.

Bruscamente, o fedor da égua morta entrou no compartimento e deteve-se no limiar. Sentia que esse fedor me fixava. «É a égua morta», pensei na minha semi-sonolência. A atmosfera estava pesada como um cobertor de lã e a trovoada esmagava os telhados de palha da aldeia, abatendo-se com todo o seu peso sobre as árvores, o trigo, o pó da estrada. Por instantes, o sussurro do rio chegava como um roçar de pés nus por cima da erva. A noite era negra, densa e viscosa como mel negro. «É a égua morta», pensei.

Através dos campos, ouvia um ranger de carros: as carroças romenas e ucranianas de quatro rodas, arrastadas por miseráveis cavalos peludos e esqueléticos, que seguiam os exércitos com um carregamento de munições, de utensílios e armas ao longo das intermináveis estradas da Ucrânia. Era dos campos que vinha o ranger dos carros. Pensei que a égua morta se tinha arrastado até ao limiar do compartimento e dali me fixava. Não sei, não me é possível dizer como fui levado a pensar que a égua morta se tivesse arrastado até ao limiar do compartimento. Encontrava-me moído de fadiga, completamente desvairado pelo sono. Não conseguia ordenar as ideias; era como se a obscuridade, o calor e o fedor da carcaça enchessem o compartimento de uma lama negra e viscosa na qual me atolasse pouco a pouco, debatendo-me sempre, mas debilmente. Não sei como pensei que a égua não estava completamente morta, que só estava ferida, que a parte ferida estava já em

putrefacção, em plena decomposição, mas que nem por isso estava menos viva, como esses prisioneiros que os Tártaros agarram vivos a cadáveres, ventre contra ventre, rosto contra rosto, boca com boca, até que o morto acaba por dominar o vivo. E, contudo, aquele fedor da carcaça estava ali à porta e fitava-me.

De repente, senti que ela avançava, se aproximava lentamente do meu leito.

– Vai-te, vai-te – gritei em romeno. – *Merge, merge!* – Em seguida pensei que talvez a égua não fosse romena, mas russa, e gritei: – *Pasciòl, pasciòl!* – O fedor abrandou. Mas ao cabo de um instante recomeçou a aproximar-se lentamente da minha cama. Então tive medo; empunhei a pistola que tinha escondido debaixo do colchão, sentei-me na cama e premi o interruptor da lâmpada eléctrica.

O quarto estava vazio, o limiar deserto. Saltei da cama: descalço, alcancei a porta e detive-me no limiar. A noite estava vazia. Saí para o jardim. Os girassóis estalavam suavemente ao sopro do vento, a trovoadas que ameaçava o horizonte parecia um grande pulmão negro respirando a custo – inchado, vazio como um enorme pulmão. Via o céu dilatar-se, contrair-se; via o céu respirar, clarões sulfúreos cortavam obliquamente esse enorme pulmão, iluminando por instantes as ramificações das veias e dos brônquios. Empurrei a grade de madeira e saí para o caminho. A carcaça jazia de costas, no charco, a cabeça repousava na rampa poeirenta da estrada. Tinha o ventre inchado e retalhado de gretas. O olhar dilatado brilhava, húmido e redondo. A loura crina poeirenta, suja de coágulos de poeira e sangue, erguia-se inteiriçada sobre o pescoço como as crinas que os guerreiros da antiguidade usavam sobre o capacete. Sentei-me na rampa, encostando-me ao tapume. Silencioso e lento, um pássaro levantou voo. (Dentro em breve vai chover.) O céu era percorrido por invisíveis rajadas, nuvens de pó passavam por cima da estrada com um assobio leve e prolongado, grãos de areia picavam-me o rosto, as pálpebras, insinuando-se nos meus cabelos como formigas. (Dentro em breve vai chover.) Regressei a casa, atirei-me de novo para a cama. Os braços e as pernas doíam-me; estava inundado de suor. E bruscamente adormeci.

Eis senão quando o fedor da carcaça chegou de novo, parando no limiar. Não me encontrava completamente acordado; ainda tinha os olhos fechados e sentia que o fedor me fitava. Era um fedor mole e flácido, um fedor denso e viscoso, profundo, um fedor amarelo, mas impregnado de verde. Abri os olhos: era madrugada. O compartimento era atravessado pela teia de aranha esbranquiçada de uma luz indecisa; pouco a pouco as coisas emergiam da sombra com uma lentidão que parecia deformá-las, alongá-las como aos objectos que se extraem do gargalo de uma garrafa. Entre a porta e a janela, um armário estava encostado à parede, os cabides pendiam vazios e baloiçavam, o vento agitava os cortinados da janela, o chão de terra batida estava repleto de montes de papéis, de roupas, de pontas de cigarro, e os papéis sussurravam com o vento.

De repente, o fedor entrou: um potrozinho apareceu no limiar. Era magro e peludo. Exalava o cheiro de decomposição da carcaça de um cavalo. Aproximou-se da cama, estendeu o pescoço e farejou-me. Fedia de uma maneira terrível. Com o gesto que tentei para deitar as pernas fora do leito, fez bruscamente meia-volta, batendo com as costelas no armário. Saiu para a rua, com um relincho de terror. Enfiei as botas e saí também para a rua. O potrozinho encontrava-se estendido ao lado da égua.

– *Esculta* – gritei a um soldado romeno que passava com um balde de água. E pedi-lhe que cuidasse do potro.

– É o filho da égua morta – respondeu-me o soldado.

– Sim – repeti eu –, é o filho da égua morta...

O potrozinho olhava-me fixamente enquanto roçava o lombo no flanco da carcaça. O soldado aproximou-se do potro e acariciou-lhe o pescoço.

– É preciso afastá-lo da mãe – disse-lhe eu. – Se fica aqui, acabará por apodrecer também. Será a mascote do teu esquadrão.

– Sim – disse o soldado. – Pois sim, pobre animal! Ele dará sorte ao esquadrão.

Dizendo isto, desapertou o cinto de couro, passou-o pelo pescoço do potro, que, para começar, se recusou a levantar-se, depois pôs-se

bruscamente de pé e empinou-se, voltando-se para a mãe morta enquanto relinchava. O soldado dirigiu-se para o acampamento do bosque, levando o potro atrás de si. Segui-o por um momento com os olhos, depois abri a porta do meu carro e liguei o motor. Tinha esquecido o saco de viagem. Voltei à casa, peguei no saco, dei um pontapé na porta, subi para o automóvel e parti pela estrada de Nemirowskaie.

O rio brilhava estranhamente na luz esbranquiçada da madrugada. O céu estava sombrio: dir-se-ia um céu de Inverno. O vento soprava no rio; nuvens de pó branco passavam no horizonte, densas e avermelhadas como as nuvens levantadas por um incêndio. Nos juncos das duas margens, aves aquáticas soltavam gritos roucos. Patos selvagens erguiam voo e planavam lentamente à flor da água no meio de florestas de juncos, arrepiados no ar cortante da manhã. E por todos os lados pesava esse cheiro de coisas podres, de matéria em decomposição.

De vez em quando encontrava longas filas de carroças militares romenas. Os soldados marchavam à frente dos cavalos, conversando uns com os outros em voz alta e rindo, ou, então, dormiam sobre os sacos de pão, as caixas de cartuchos, os amontoados de pás e de peles. De todos os lados subia esse cheiro de coisas podres. Ao longo das margens, nos bancos de areia que afloravam no meio do rio, viam-se às vezes ondular as canas e os juncos como se um animal selvagem aí se tivesse refugiado ao presentir o homem. Então os soldados gritavam: «Os ratos! Os ratos!» Tiravam a espingarda do banco das carroças ou faziam-na deslizar do ombro e disparavam para os juncos, donde se escapavam daqui e dali uma rapariga ou uma mulher desgrenhada, um homem coberto com um comprido casacão negro, um rapaz. Eram os judeus das aldeias vizinhas, que tinham procurado refúgio no seio das canas e dos juncos.

Em certo ponto, num terreno pantanoso que ficava entre a estrada e o rio, vi um blindado soviético, tombado. O seu pequeno canhão saía da torre, cuja tampa estava aberta, completamente

torcida pela explosão de um projectil. No interior, apercebia-se um braço emergindo da lama que penetrara no carro. Era a carcaça de um carro blindado. Esse carro fedia a óleo e a gasolina, a verniz queimado, a couro carbonizado, a ferro incendiado. Era um cheiro estranho. Um cheiro novo. O novo perfume dessa guerra nova. Essa carcaça de carro de combate causava-me compaixão, mas uma compaixão muito diferente daquela que suscita a imagem de um cavalo morto. Tratava-se de uma máquina morta. Uma máquina em decomposição. Começava já a feder. Era uma carcaça de ferro atirada para a lama.

Detive-me, desci até à beira do pântano, aproximei-me do carro blindado. Agarrei no braço do condutor, esforcei-me por arrancá-lo para fora. A lama prendia-o; era-me difícil tirá-lo dali sozinho. Comecei a puxar com toda a força, até que senti que começava a ceder e vi pouco a pouco uma cabeça emergir da lama. Era uma cabeça pequena e rapada. Uma bola de lama. Passei-lhe a mão pelo rosto, limpei com os dedos a máscara de lama e, sob a palma da minha mão, apareceu um pequeno rosto cinzento, de sobrancelhas e olhos negros. Era um tártaro, um tanquista tártaro. Recomecei a puxar, para o retirar completamente do carro, mas em breve a fadiga apoderou-se de mim: a lama era mais forte. Afastei-me então, subi para o automóvel e continuei o meu caminho em direcção a uma nuvem de fumo que se elevava ao fundo da planície, na orla de um grande bosque azul.

Entretanto o Sol emergia do horizonte verde, o grito rouco das aves tornava-se gradualmente mais vivo e mais agudo. Os seus raios batiam como um martelo na placa de ferro fundido das lagunas. Um frémito corria pela água, um som prolongado, uma espécie de vibração metálica propagava-se à superfície dos pântanos, como o som de um violino subindo à flor da pele, como um arrepio, ao longo do braço do violinista. Dos dois lados da estrada e, aqui e além, nos campos de trigo, entreviam-se automóveis virados, camiões incendiados, blindados esventrados, canhões abandonados, completamente contorcidos em consequência das explosões. Mas nem um homem, nada de vivo. Nem sequer um cadáver, nem sequer uma carcaça de cavalo.

Não havia, em milhas e milhas ao redor, senão ferro morto. Carcaças de máquinas, centenas e centenas de miseráveis carcaças de aço. Dos campos e das lagoas subia o cheiro do ferro em putrefacção. No meio de um pântano, a carlinga de um avião emergia da lama. Distinguia-se nitidamente a cruz suástica: era um *Messerschmidt*. O cheiro do aço apodrecido dominava o cheiro do homem, dos cavalos (esse cheiro da guerra antiga), até mesmo o perfume do trigo e o perfume penetrante e adocicado dos girassóis se evaporavam nesse fedor acre de ferro queimado, de aço em putrefacção, de máquinas mortas. As nuvens de pó que o vento elevava dos confins da planície imensa não transportavam um odor de matérias orgânicas, mas um odor de limalha de ferro; à medida que penetrava no coração da planície e me aproximava de Nemirowskaie, o cheiro do ferro e da gasolina tornavam-se mais fortes na atmosfera poeirenta; dir-se-ia que a própria erva tinha esse odor vago, penetrante, embriagador da gasolina. Como se o cheiro do homem, o cheiro dos animais e o perfume das plantas, da erva e da lama fossem dominados pelo odor da gasolina e do ferro queimado!

A alguns quilómetros de Nemirowskaie fui obrigado a parar. Um *Feldgendarm* alemão, com a sua placa de cobre resplandecente suspensa ao pescoço por uma cadeia semelhante à de certos ordens da nobreza, mandou-me parar. *Verboten*. Impossível continuar. *Nein, nein, nein*. Tomei por um atalho, uma espécie de caminho vicinal. Queria aproximar-me o mais possível de Nemirowskaie. Queria ver a bolsa russa que os Alemães tinham encontrado pela frente e que estavam a atacar por todos os lados. Os campos, os fossos, as granjas colectivas, as aldeias, os *kholkoz*, estavam cheios de tropas alemãs. *Verboten* por toda a parte. Quando o pôr-do-sol chegou, decidi arrear caminho. Inútil perder tempo tentando passar. Mais valia voltar para trás, na direcção de Balta, fazer uma tentativa para chegar ao Norte, na direcção de Kiev.

Pus-me de novo a caminho e, após um bom pedaço, parei a fim de comer um pouco de pão seco e de queijo numa aldeia abandonada. O fogo tinha destruído grande parte das casas. O canhão troava atrás de mim, do lado sudoeste. Exactamente nas minhas

costas. Na fachada de uma casa estava pintada uma grande tableta, com a foice e o martelo. Entrei. Era uma secretaria soviética. Um enorme retrato de Estaline estava colado numa das paredes. Um soldado romeno tinha escrito por baixo do retrato: *Aiurea*, que quer dizer: «Olá, então?» Estaline aparecia em pé, diante de uma eminência, sobre um fundo de carros de combate e de chaminés de fábricas, num céu sulcado por esquadilhas. À direita, no meio de uma nuvem vermelha, erguia-se uma imensa fábrica metalúrgica, todo um acavalamento de guias, de pontes de aço, de altos-fornos, de grandes rodas dentadas. A seus pés, esta inscrição em gordos caracteres: *A indústria pesada da U. R. S. S. prepara as armas do Exército Vermelho*. Era por baixo desta inscrição que estava escrito *Aiurea*, que quer dizer: «Olá, então?»

Sentei-me numa secretária atulhada de papéis. Também o soa-lho estava cheio de papelada, de roupas, de livros e de opúsculos de propaganda. Continuei a pensar na égua morta em frente da casa onde passara a noite, na aldeia de Alexandrowska, nessa pobre, solitária, carcaça de égua derrubada na berma da estrada no meio dessa multidão de máquinas mortas, de carcaças de aço. Pensava no pobre, solitário, fedor da égua morta, dominado pelo odor do ferro incendiado, da gasolina, do aço putrefacto — no odor novo dessa nova guerra de máquinas. Pensava nos soldados de *Guerra e Paz*, nas estradas da Rússia semeadas de cadáveres russos e franceses e de carcaças de cavalos. Pensava nesse cheiro de homens mortos, de animais mortos, nos soldados de *Guerra e Paz* abandonados ainda vivos na berma da estrada ao bico rapace dos corvos. Pensava nos cavaleiros tártaros, nos cavaleiros do Amor, armados com arco e flechas, que os soldados de Napoleão denominavam «os Amores», nesses infatigáveis, terríveis, extraordinariamente rápidos cavaleiros tártaros que surgiam dos bosques e causavam estragos na retaguarda do inimigo, nessa antiga e nobre raça de cavaleiros que nasciam e viviam com os cavalos, se alimentavam de carne de cavalo e leite de égua, se cobriam com peles de cavalo, comiam debaixo de tendas de couro de cavalo e faziam que os enterrassem na sela, em fossos profundos: na sela do seu cavalo.

Livro «cruel e alegre» no dizer do próprio autor; mas acima de tudo livro surpreendente e fascinante, capaz de dividir o leitor perante a beleza da sua escrita — hiper-realista e fantástica, excessiva e barroca — e o espectáculo hílare e grotesco das cenas terríveis que descreve, *Kaputt* é um relato impiedoso e lírico da Europa em pleno teatro bélico da II Guerra Mundial, a descrição de um inteiro continente em chamas e arremessado para o abismo da desintegração política e moral, vivenciado directamente por Curzio Malaparte, escritor, intelectual, diplomata e herói de guerra, capitão das tropas alpinas e correspondente do jornal *Corriere della Sera*, com a missão de reportar os cenários que encontra nas várias frentes de guerra, da Polónia à Finlândia.

É desta tentativa impossível de *simplesmente* relatar o que vê e o que ouve, da convivência íntima com o *lado inimigo*, da desenvoltura e à-vontade com que se relaciona com altas patentes alemãs, priva com príncipes, ministros do III Reich e embaixadores, frequenta os salões nobres e experiencia o sofrimento de soldados e mujiques, que nasce *Kaputt* e a sua *suite* picaresca de histórias que se vão desfiando, uma a uma, para deleite e horror das elites europeias e gerações de leitores.

Iniciado em plena frente russa, durante o Verão de 1941, e terminado em Itália, em 1943, já após a queda de Mussolini, *Kaputt* tornou-se aquando da sua publicação um *bestseller* internacional, consagrando Curzio Malaparte como um dos maiores escritores do século xx.

«Uma obra literária dotada de uma intenção estética tão forte, tão visível, que o leitor imediatamente a exclui do universo dos relatos feitos por historiadores, jornalistas, analistas políticos, memorialistas.»

Milan Kundera

«Um retrato fiel sobre os horrores absurdos da guerra.»

The Times



cavalo de ferro